

# Uma porta para o mundo atlântico: africanos na freguesia da Candelária da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, século XVIII

## *A door to the Atlantic world: africans in the Candelária parish in the city of São Sebastião do Rio de Janeiro, 18th century*

Carlos Eugênio Líbano Soares

Professor Adjunto na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

carlos.libano@terra.com.br

**RESUMO:** Este artigo faz uma análise de Nossa Senhora da Candelária de São Sebastião do Rio de Janeiro, freguesia de uma das cidades mais importantes do Estado do Brasil no século XVIII. A região tinha um perfil socioeconômico semelhante ao de outras áreas portuárias e comerciais das cidades da América portuguesa. Nosso foco concentra-se na população africana registrada na freguesia, conforme os livros eclesiásticos de batismo, casamento e óbito.

**Palavras-chave:** século XVIII, africanos, cidade do Rio de Janeiro.

**ABSTRACT:** *This article analyses the Nossa Senhora da Candelária de São Sebastião do Rio de Janeiro, a parish from one of the most important cities of the Brazilian State, in the 18<sup>th</sup> Century. The region had a socioeconomic profile similar to those of other ports and trade areas in cities of Portuguese America. Our focus concerns the African population registered at the parish according to the ecclesiastical records of baptisms, marriages and deaths.*

**Keywords:** *18<sup>th</sup> Century, africans, city of Rio de Janeiro.*

Rio de Janeiro e Salvador representam as principais experiências urbanas da América portuguesa no século XVIII<sup>1</sup>. Nesse período, o ouro e os diamantes das Minas financiaram a primeira revolução urbana colonial, a formação de uma sociedade muito diversa do mundo agrário hegemônico dos séculos XVI e XVII. Apesar da grande quantidade de estudos sobre o século XVIII, particularmente de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia (como Salvador era chamada), ainda há muitos pontos obscuros.

O Rio de Janeiro teve um papel central em um dos setores mais importantes para a reprodução da economia colonial: o tráfico de escravos africanos. Estudos mais recentes apontam que dois milhões de africanos foram trazidos para o Brasil nessa centúria, cerca de metade do total importado em mais de 350 anos de tráfico atlântico<sup>2</sup>. Do Rio, esses africanos eram redistribuídos para boa parte do Brasil. A maioria esmagadora dessas pessoas era desembarcada no Rio pela freguesia da Candelária. Ali esses africanos eram alimentados, tratados de suas doenças, batizados e vendidos nos armazéns à beira-mar. Esses entrepostos de milhares de homens, mulheres e crianças ficaram marcados por esta presença.

Certamente, a maioria dos africanos que passaram pela freguesia não foi batizada, não se casou e também não foi enterrada nela. Mas somente esta presença residual mudou a natureza da região, criando uma “pequena África” no seio da cidade.



No início do século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro atravessava um caudal de mudanças. A principal se relacionava com a descoberta do ouro no “sertão” e o redirecionamento das rotas do tráfico. O tráfico de africanos teve início no Rio na década de 1580, quinze anos após a fundação da cidade (ABREU, 2011). O porto do Rio torna-se, então, escala obrigatória do *trato* com Buenos Aires, na rota para as minas de prata de Potosí.

Os engenhos de açúcar do Rio consumiam escravos, geralmente da África Central, no século XVII, mas a demanda era pequena (ABREU, 2011). A notícia da descoberta do ouro provocou uma corrida de mineradores e de escravos para os sertões (BOXER, 2000, pp. 189-227). Desde os primórdios, o desembarque de africanos era feito na Rua Direita, a principal da cidade, na freguesia da Candelária. E a grande maioria desses escravos ia para as minas. Os relatos de viajantes mostram que, no início do século XVIII, a Candelária tinha se tornado um imenso empório da mercadoria negreira, nas portas da cidade. Em 1711, o tipógrafo Jonas Fink, que chegou ao Rio poucos dias antes que a cidade caísse em mãos dos franceses, dá conta da já enorme presença africana:

Há cerca de oito mil escravos negros na cidade, todos vivendo em condições miseráveis. Esses cativos, desde que aprendam o Pai Nosso e sejam borrifados com água benta, são facilmente aceitos na Igreja Católica. Todos trazem pendurados no pescoço, como sinal de sua fé cristã, imagens de Santo Antônio, de São Francisco, etc (FRANÇA, 1999, p. 69).

Em 1747, o abade francês René Courte de La Blanchardière visitou a Candelária e registrou o costume de se venderem africanos nas portas das casas da Rua Direita:

Quando caminhamos pela rua, vemos porções de negras e negros sentados à porta da casa de seus donos, completamente nus, pacientemente à espera de que algum transeunte os compre e os mude de cativo. Eles são trazidos da Guiné pelos portugueses e vendidos para trabalhar nas minas. Às vezes são comprados pelos espanhóis de Buenos Aires e levados para o Peru; esse comércio, porém, é de contrabando. Nosso calafate mestre, de nacionalidade espanhola, comprou um, de 13 ou 14 anos, por 150 piastras. Esse pobre infeliz, quando estávamos no porto, chorava continuamente e não queria alimentar-se, pois, como confessou mais tarde ao seu dono, temia que quiséssemos engordá-lo para depois comê-lo (FRANÇA, 1999, p. 93).

A Candelária era a porta do Rio para o mundo atlântico e até a década de 1770, o principal centro de compra e venda de escravos na cidade. Na primeira metade do século XVIII, o local abrigava os edifícios mais importantes da cidade. Entre eles, o Palácio do Governador, conhecido atualmente como Paço Imperial, e a Alfândega e seu trapiche, onde toda mercadoria importada tinha de pagar seus impostos, inclusive os escravos. Outro conjunto importante era o do Convento do Carmo, que data dos primórdios da fundação da cidade. Os comerciantes de “grosso trato” concentravam-se no Largo do Carmo, depois Largo do Palácio, onde mais tarde se erguerá o Arco do Teles, principal centro comercial da cidade no final do século XVIII.

A freguesia da Candelária foi criada em 1634, a segunda na cidade depois da Sé ou de São Sebastião. As fronteiras da Candelária no século XVIII iam da Rua Direita até a Rua dos Ourives (atual Miguel Couto) e, no sentido norte-sul, até a Rua da Misericórdia, próximo ao Morro do Castelo<sup>3</sup>. Depois, abarcava o litoral da Prainha (atual Praça Mauá) e do Valongo que, em 1751, foram desmembrados para formar a freguesia de Santa Rita<sup>4</sup>. E pelo sul chegava à Ajuda, que, em 1751, seria separada para formar a freguesia de São José.

Dessa forma, a Candelária era, fundamentalmente, uma região de comércio marítimo de extrema importância na época, o que define com muita força a natureza da sua mão de obra. Mas o registro de batismo em grande parte reflete a natureza de ponto de escala para o mercado consumidor das Minas, e não o perfil definitivo da população africana.

TABELA 1  
CANDELÁRIA: BATISMO DE ESCRAVOS AFRICANOS POR NAÇÃO (1713-1717)

NAÇÕES	Homens	%	Mulheres	%	Total
ÁFRICA OCIDENTAL	158	53	141	47	299
Cabo Verde	1	100	0	0	1
Mina*	156	54	138	46	294
Gentio da Guiné	1	25	3	75	4
ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL	5				5
Negro de Angola	3	100	0	0	3
Loango	2	100	0	0	2
<b>Total</b>	<b>163</b>	<b>54</b>	<b>141</b>	<b>46</b>	<b>304</b>

\* Inclui mina, negro mina, negro mina do gentio da Guiné, mina do gentio da Guiné e preto mina.

Na Tabela 1 vemos a sistematização do registro dos batismos de escravos africanos na freguesia da Candelária entre 1713 e 1717. Por ela, constatamos a forte presença dos africanos ocidentais, principalmente os chamados da nação Mina, em comparação com a nação Guiné, normalmente a mais numerosa nos primórdios do século XVIII. Nesses registros, os mina chegam a 96% de todos os africanos batizados na Candelária nos cinco anos assinalados. Mesmo sabendo da ausência de registros de batismo para os angola, que eram batizados no bispado de Luanda, esta forte presença de africanos ocidentais certamente indica o vigoroso comércio entre Bahia e Rio no início daquele século, o que vai marcar os cem anos seguintes. A nação Guiné é, no entanto, uma referência reiterada no Rio de Janeiro do século XVIII. Mesmo sabendo da metamorfose pela qual o termo passou desde o século XVI, podemos intuir que Mina e Guiné não se confundem no Rio setecentista.

A partir do final do século XVII, com a criação do bispado de Angola, os escravos embarcados em Luanda passam a ser obrigatoriamente batizados antes de entrarem a bordo (RUSSELL-WOOD, 2005, p. 193). De qualquer maneira, alguns poucos angola não eram batizados na África, ou havia dúvidas se isso havia ocorrido; então, estes eram levados a batismo *sub conditioni*, o que indicava alguém que não tinha sinais de haver recebido o sacramento<sup>5</sup> – ou podiam ser angolas que não vinham de Luanda, como indicou Miller (2002, p. 29). Outro importante escoadouro de cativos ao norte de Angola era Loango, como explicou o mesmo autor:

A outra nação Centro-Occidental é a de Loango, um nome muito familiar nos registros de batismo do Rio da primeira metade do século [XVIII]. Nem sempre um termo de Nação corresponde a um habitante de determinado reino ou estado (pode ser alguém escravizado por povos daquela região), mas pelo menos indica que ele foi embarcado na dita área. A região de Loango era o palco das chamadas rotas Vili, mantidas pelas etnias Teke, e que enviavam escravos para amplas áreas da costa norte do Congo e até ao sul (MILLER, 2002, pp. 56-57).

Depois de Angola, Loango vai se tornar a região da África Centro-Occidental mais registrada nos livros de batismo do Rio de Janeiro no século XVIII. Em seguida vemos a nação Cabo Verde. O arquipélago de Cabo Verde desde muitas décadas era um entreposto importante no tráfico da África Occidental para o Brasil, principalmente da Alta Guiné.

Sempre devemos frisar que as nações da escravidão têm pouca relação direta com as etnias de origem na África<sup>6</sup>. Elas guardam, possivelmente, um forte componente do contexto regional africano e, sobretudo, do padrão do tráfico operante. Por isso, devemos entender seus significados nestes casos específicos, apesar da existência das grandes nações (que chamaremos de metanações), como Angola e Mina, que praticamente dominam o registro de cidades como Rio de Janeiro e Salvador no início do século XVIII.

Em nossa hipótese, a presença muito forte dos guiné no Rio conecta-se com o anterior e importante tráfico de Recife para essa cidade – inclusive no século XVII – e que aos poucos

foi perdendo força com a rápida ascensão da Bahia a partir de 1680. Somente um estudo do tráfico entre Recife, Bahia e Rio nesse período poderá elucidar o problema.

Uma divergência nos registros de Salvador e do Rio de Janeiro no caso em tela é a questão de gênero. Enquanto em Salvador as mulheres são mais de 52% dos africanos recém-chegados, no Rio de Janeiro não chegam a 47%. Esta diferença sofrerá reparos nos anos seguintes, mas certamente se liga ao vigoroso mercado de trabalho feminino urbano de Salvador – a maior cidade da colônia – e ao fato de o Rio estar em outro patamar de desenvolvimento econômico.

A segunda entrada da Candelária no registro cobre o período de 1725 até 1730 (Tabela 2). É apenas um fragmento, mas ilustra que os benguela também não passavam pelo batismo na África como os angola.

**TABELA 2**  
**FREGUESIA DA CANDELÁRIA: BATISMO DE AFRICANOS POR NAÇÃO 1725-1730**

NAÇÕES	Homens	Mulheres	Total
ÁFRICA OCIDENTAL	5	0	5
Gentio da Mina*	3	2	5
ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL	0	0	0
Benguela	0	1	1
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>11</b>

\* Inclui “gentio da Costa da Mina”.

Continuando na Candelária, entre os anos de 1734 e 1744 o registro de batismo persiste em mostrar a presença maior dos africanos ocidentais de nação Mina (Tabela 3).

**TABELA 3**  
**CANDELÁRIA: BATISMO DE ESCRAVOS AFRICANOS POR NAÇÃO 1734-1744**

NAÇÕES	Homens	%	Mulheres	%	Total
ÁFRICA OCIDENTAL	60	49	64	51	124
Mina	46	44,3	58	55,7	104
Cabo Verde	14	77,8	4	22,2	18
Gentio da Guiné	0	0	2	100	2
Coura	1	100	0	0	1
ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL	3		1		4
Angola	3	75	1	25	4
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>49,7</b>	<b>65</b>	<b>50,3</b>	<b>129</b>

Assinalamos uma presença numericamente insignificante, mas importante do ponto de vista das estratégias do tráfico: é raro haver um homem de nação Coura. Os coura eram parte integrante da população escrava nas Minas, mas, paradoxalmente, quase não apareciam no registro da escravidão no Rio ou na Bahia<sup>7</sup>. Nossa hipótese é que eles vinham no comércio negreiro inglês que abastecia os mineradores de forma clandestina nos primórdios do século XVIII, oriundos da região de Coromanty, perto da feitoria negreira inglesa de *Cape Cost* (ELTIS, 2000, p. 243). A presença dos angola nos registros de batismo do Rio sempre foi

maior que na Bahia, o que possivelmente indica maior diversidade de origem desta nação no caso carioca do que no baiano.

De qualquer forma, mais de 80% dos africanos neste registro são mina. No entanto, é importante reter que muitos africanos, citados apenas como “adultos”, não tiveram sua nação identificada, o que com certeza indica a imprecisão da fonte. Aparentemente, os mina eram mais registrados no Rio do que outros grupos, mas esta provável particularidade termina nos registros de casamento e óbito. Como mostrou Mariza Soares (1997), os mina tinham lugar estratégico na população africana da cidade do Rio.

Na Tabela 4, vemos o registro de enterramentos de africanos na Candelária entre 1724 e 1736. Os registros de óbitos são os mais importantes para mostrar a população efetivamente residente na cidade ou em áreas limítrofes, na medida em que muitos africanos batizados podiam ser vendidos para o interior, onde, de fato, a maioria da população africana residia.

**TABELA 4**  
**CANDELÁRIA: ESCRAVOS AFRICANOS NO REGISTRO DE ÓBITO POR NAÇÃO: 1724 - 1736**

NAÇÕES	Homens	%	Mulheres	%	Total
ÁFRICA OCIDENTAL	75	44,4	94	55,6	169
Cabo Verde	7	87,2	1	12,8	8
Mina*	38	44	54	56	92
Guiné	30	43,8	39	56,2	69
ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL	113	62,8	67	37,2	180
Angola	81	62	50	38	131
Ambaca	0	0	1	100	1
Benguela**	12	57,2	9	42,8	21
Caconda	0	0	1	100	1
Congo	10	83,4	2	16,6	12
Ganguela	3	75	1	25	4
Loango	2	100	0	0	2
Monjolo	3	100	0	0	3
Muxicongo	1	100	0	0	1
Quissamã	1	100	0	0	1
São Tomé	0	0	3	100	3
ÁFRICA ORIENTAL	2	0		100	2
Moçambique	2	100	0	0	2
<b>Total</b>	<b>190</b>	<b>54,4</b>	<b>161</b>	<b>45,8</b>	<b>351</b>

\*Inclui Costa da Mina \*\*Inclui um benguela do Gêntio da Guiné

Em um quadro absolutamente diferente dos batismos, vemos que a população africana escrava da cidade do Rio de Janeiro naqueles anos era majoritariamente Centro-Occidental, mas pouco menos da metade (cerca de 49%) era da África Occidental, sendo que os mina respondem por ampla margem deste grupo. A diversidade de nações da África Central é uma oportunidade única para se entender o emaranhado étnico do Rio africano. Os ambaca<sup>8</sup> habitavam o leste de Angola, e raramente aparecem na documentação coeva (KARASCH,

1987, pp. 19 e 373). Naquela altura, eles eram vítimas das incursões dos guerreiros do reino Lunda, um grande estado do centro da moderna Angola e que faziam negócios com os portugueses de Luanda em vidas humanas<sup>9</sup>.

Os caconda provavelmente vinham do sudeste de Angola, das regiões mais distantes do litoral. Possivelmente eram embarcados no porto de Benguela (KARASCH, 1987, p. 377), mas com certeza não eram confundidos com os benguela, a maior nação do Rio de Janeiro entre o final do século XVIII e o fim do tráfico, em meados do século XIX. Caconda era local de frequentes incursões portuguesas em meados do século XVIII.

No início do XVIII, a nação Congo pouco tinha a ver com o poderoso reino que séculos antes era soberano da África Central. As guerras civis tinham reduzido o antigo estado a um caos de tal dimensão que nem os portugueses, que costumavam lucrar nesses momentos com os prisioneiros, tinham segurança para fazer seu comércio de carne humana (THORNTON, 1997, pp. 55-74).

De acordo com Mary Karasch, os ganguela vinham do sul de Angola e frequentemente eram engolfados na metanação Benguela (KARASCH, 1987, p. 21). Entretanto, eles eram identificados como provenientes do leste e do sul de Bié e chamados de nganguelas. O termo ganguela era pejorativo como em outros tempos seria nagô, significando alguém que pode ser escravizado, usado pelos povos quimbundo do norte e do noroeste de Angola (MILLER, 1997, p. 58). Eles teriam sido, de acordo com Miller (1988), os primeiros falantes de línguas banto que chegaram ao Brasil para trabalhar nas plantações de açúcar no final do século XVI, o que incluía a Bahia. Na Candelária, enterravam-se três homens ganguela para cada mulher, o que demonstra o padrão de superioridade masculino do tráfico da costa centro-ocidental da África na era moderna. Se foram transportados africanos centro-ocidentais da Bahia para o Rio na era do ouro, ainda é um mistério.

Monjolo, conforme Karasch (1987, p. 17), era o nome pelo qual ficaram conhecidos os povos Teke ou Tio, que vinham da região noroeste do Congo, próximo ao litoral de Loango, e também podiam ser levados ao mar pelas rotas Vilis que abasteciam Loango, como explicamos acima. Eles eram identificados pelas marcas étnicas no rosto, não tão comuns entre os povos de Angola<sup>10</sup>. No século XVIII, ainda se usava o etnônimo anjico ou angico para os Tio e, para Karasch, somente no XIX apareceria o termo monjolo. Aparentemente, esses três homens assinalados na Tabela 5 (mais abaixo) desmentem a afirmação.

Os muxicongo eram oriundos de São Salvador, a antiga capital do extinto reino do Congo, também conhecida por Mbanza Congo (KARASCH, 1987, p. 374 e REDINHA, 1969, p. 9). Com a desagregação do reino, populações inteiras fugiram da cidade, que em meados do século XVIII era quase uma ruína. É possível que tenham chegado ao litoral pelas rotas Vili. Já Quissamã é referente a um grupo étnico bastante organizado, cujo território ficava a sudeste de Luanda (MILLER, 1988, pp. 37-38 e HEINTZE, 1972, pp. 407-418). Nesse período, Kissama ou Quissamã tinha se tornado um abrigo para aqueles que fugiam dos caçadores

de escravos que infestavam os sertões de Angola. Estes refugiados formavam exércitos que enfrentavam as razias escravagistas.

São Tomé era escala dos navios que saíam do litoral centro-sul de Angola e rumavam para o Brasil. As embarcações faziam uma rota circular ao norte da Corrente de Benguela, e em seguida desciam para o litoral do Brasil. Na ida para a África, dava-se o oposto: a perna sul obrigava os navios a fazerem uma meia-lua com o vértice para baixo, e chegavam a Benguela pelo acesso meridional. A produção de açúcar do arquipélago de São Tomé tinha cessado desde a revolta de 1580<sup>11</sup>, e no século XVIII, o projeto colonial na ilha sustentava-se com os direitos (impostos) dos escravos que por ela trafegavam.

Moçambique é uma metanação da África Oriental no Rio relativamente tardia e pouco estudada pelos pesquisadores<sup>12</sup>. Somente no século XIX uma grande parcela de moçambiques chegaria ao Rio de Janeiro, mesmo assim reduzidos ao mundo rural do café<sup>13</sup>. Mas a presença desses moçambique na Candelária no início do século XVIII é derivada de embarcações da Carreira da Índia, que traziam africanos para a Bahia no retorno de sua longa viagem, segundo Antonil (2007, p. 98).

Poderíamos, aqui, ensaiar uma breve comparação com a cidade da Bahia. Infelizmente, não existem livros de óbito da freguesia portuária da Conceição da Praia para a primeira metade do século XVIII, mas temos um livro de enterros da freguesia da Sé da Bahia que cobre um intervalo temporal muito próximo, entre 1735 e 1762. Nesse livro, vemos o esperado predomínio de africanos ocidentais na população escrava e liberta, com cerca de 72% do total de africanos. Entretanto, a população angola sozinha cobre 26% do total de africanos enterrados na Sé em quase 30 anos e quase todos os africanos centro-ocidentais. No Rio de Janeiro, os angola eram a maior nação não somente entre os oriundos da África Centro-Ocidental no período, mas no conjunto, invertendo e tornando esta parte da África a mais importante no interior da gente escrava e/ou liberta carioca.

Na Bahia, os vindos da África Ocidental, mesmo no livro de óbito que obriga a registrar aqueles de nação Angola, perfazem mais de dois terços dos africanos que viviam na cidade, enquanto no Rio os ocidentais não chegam à metade, em uma cidade escrava majoritariamente de línguas banto – em redução, de qualquer maneira, do perfil esperado como hegemônico dos angola no Rio<sup>14</sup>.

Em outro nível de análise comparada, podemos utilizar os registros da Santa Casa de Misericórdia da Bahia na segunda metade do século XVIII, referente ao chamado *Banguê dos Escravos* (Tabela 5) – instituição mantida pela Santa Casa para recolher cadáveres de africanos mortos nas ruas da cidade<sup>15</sup>.

Nos primeiros períodos cobertos pelo *Banguê* na Bahia, no século XVIII, vemos a presença majoritária dos centro-ocidentais, refletindo o antigo domínio destes. Em outras palavras, a última geração de africanos angola do século XVII estava morrendo em plena vigência da “onda mina” que invadiu a cidade da Bahia desde o crepúsculo daquele século<sup>16</sup>.



**TABELA 5**  
**AFRICANOS POR NAÇÃO ENTERRADOS PELA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA BAHIA**  
**(livro de BANGUÊ) 1749-1799**

Nação	1741 1743	1746 1749	1749 1753	1758 1764	1764 1772	1772 1780	1780 1792	1792 1799	Total	%
<b>ÁFRICA C. OCIDENTAL</b>										
Angola	1015	782	182	725	1201	886	2191	1010	6195	39,1
Benguela	16	22	21	30	206	584	1231	341	2413	15,2
Cabinda	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,006
Congo	2	1	-	4	5	3	9	6	27	0,17
Muxicongo	-	-	-	-	-	-	2	-	2	0,01
Gabão	-	-	-	1	-	-	-	17	18	0,1
Mbunda	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,006
Molembo	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,006
São Tomé	3	2	-	17	7	7	9	6	46	0,2
Ilha do Príncipe	-	2	2	1	-	1	-	3	7	0,04
<b>Total</b>	<b>1036</b>	<b>804</b>								
<b>ÁFRICA ORIENTAL</b>										
Moçambique	17	34	11	55	35	23	93	2	219	1,3
<b>ÁFRICA OCIDENTAL</b>										
Jeje	-	1	20	105	413	181	239	440	1398	8,8
Nagô	-	-	2	27	80	34	143	99	385	2,4
Mina	783	798	127	688	462	816	2019	551	4663	29,4
Gentio da Costa	-	-	-	271	90	14	1	12	388	2,4
Guiné	-	-	1	4	6	-	-	-	11	0,06
Aussá	-	-	-	-	-	-	-	6	6	0,03
Arda	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0,006
Benim	-	-	6	2	1	-	1	7	17	0,10
Calabar	1	-	1	5	-	-	-	-	6	0,03
Cabo Verde	-	2	1	2	2	1	2	-	8	0,05
Fulani	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,006
Tapa	-	-	-	-	-	4	1	1	6	0,03
<b>Total</b>	<b>784</b>	<b>801</b>								
<b>Total geral</b>	<b>1837</b>	<b>1639</b>	<b>376</b>	<b>1938</b>	<b>2508</b>	<b>2554</b>	<b>5942</b>	<b>2502</b>	<b>15820</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Carlos B. Ott. *Formação e evolução étnica da cidade de Salvador* (tomo II) Salvador, Tipografia Manu, 1957.

Fontes primárias: Livros do *Banguê* da Santa Casa da Misericórdia. Vol. 1259 (1749-53), 1260 (1758-64); 1261 (1764-1772); 1262 (1772-80); 1263 (1780-92); 1264 (1792-1815) [usado só até 1799].

Não deixa de ser curioso que os moçambique sejam, em meados do século XVIII, tão numerosos nos registros de enterro quanto os benguela na Bahia. Talvez a taxa de mortalidade desses africanos vindos de tão longe seja muito mais alta que a dos benguela, mas faltam estudos sobre africanos orientais para que possamos ser mais afirmativos.

Em uma leitura comparada do conjunto dos registros do Banguê da Santa Casa da Bahia com o da Candelária, como a que ensaiamos aqui, não se pode esquecer que estamos

lidando com uma única freguesia do Rio de Janeiro para um período mais curto (entre 1724 e 1736) e com um conjunto de dados de mortalidade referentes à Bahia em quase 50 anos (de 1749 até 1799), períodos desiguais e também um pouco afastados. Ainda assim, vemos que os dados são coincidentes: no Rio, os africanos ocidentais (com maior distribuição entre as grandes nações) eram 48% do total de africanos para 51% dos centro-ocidentais, um relativo equilíbrio. Na cidade da Bahia, os ocidentais – com notável predomínio dos mina – representavam 48% dos africanos, para uma maioria de 56% de centro-ocidentais, enquanto os angola sozinhos representavam 72% do total de oriundos da África Central.

Assim, no apogeu da Era do Ouro, em meados do século XVIII, nas cidades do Rio e da Bahia, cogitando que as taxas de mortalidade de escravos de ambas fossem semelhantes, as populações centro-ocidentais eram ligeiramente mais numerosas, não apenas como remanescentes de eras passadas de hegemonia angola, mas também fruto do tráfico ainda forte dessas regiões para a América portuguesa<sup>17</sup>.

Robin Blackburn afirma que, nas propriedades açucareiras do Caribe do século XVIII, a mortalidade mais alta era de homens africanos, com uma média de 45 anos de expectativa de vida, pouco menor que a das mulheres africanas, que configuravam o grupo com mortalidade mais alta. Assim, os africanos chegavam entre 15 e 20 anos na América e viviam por pouco mais de duas décadas. No Brasil, as taxas de mortalidade de escravos são ainda maiores nas regiões mineiras, enquanto na escravidão urbana tendiam a diminuir.

Na Candelária do final do século XVIII, entre 1793 e 1800, como vemos na Tabela 6, os africanos ocidentais desapareceram por completo dos termos de óbitos, abrindo caminho para a volta da hegemonia dos centro-ocidentais. Apesar dos números, é possível observar que a maioria dos africanos é de mulheres – uma constante nos registros urbanos que se repete neste caso.

**TABELA 6**  
**CANDELÁRIA: ESCRAVOS POR REGISTRO DE ÓBITO AFRICANO POR NAÇÃO 1793 - 1800**

NAÇÕES	Homens	%	Mulheres	%	Total
ÁFRICA CENTRO-OCIDENTAL	16	57,2	12	42,8	28
Angola	11	55	9	45	20
Benguela	1	34	2	66	3
Cabundá	1	100	0	0	1
Congo	2	66	1	34	3
Rebolo	1	100	0	0	1
ÁFRICA ORIENTAL	1	100	0	0	1
Moçambique	1	100	0	0	0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>59</b>	<b>12</b>	<b>41</b>	<b>29</b>

No que se refere aos centro-ocidentais no Rio, não podemos deixar de mencionar os cabundá. De acordo com Karasch (1987, p. 19), no Rio de Janeiro cabundá eram os falantes de língua Mbundu, que vinham do sul de Luanda ou de sua periferia. Muitos dos chamados

*Crioulos de Luanda* eram falantes de Mbundu que foram escravizados e embarcados na capital angolana para o Brasil. Possivelmente, muitos cabundá foram batizados como angola antes da viagem.

Os rebolo ou libolo remetem ao sul do médio rio Kwanza, e eram das mais destacadas nações no Rio, retratadas por vários gravuristas. Eram de uma região em guerra constante, tanto contra os portugueses e seus agentes como em conflitos intestinos, como aquele com Kisama (MILLER, 1988, pp. 34, 257, 442, 589).

No Rio, após o início do colapso da economia aurífera em 1760 – que não quer dizer decadência total da economia das Minas Gerais –, as rotas para a África Ocidental ficaram mais esvaziadas. Somente na metade do século XIX, com a decadência – esta, sim, efetiva da economia da Bahia – africanos da Costa da Mina, libertos e escravos, vieram para a capital do novo Império<sup>18</sup>. O final do século XVIII na Bahia ficou marcado pela aurora dos nagôs e, ao mesmo tempo, pela despedida dos jeje: nomes diferentes para indicar povos limítrofes.

### Considerações finais

Nos registros de casamento e óbito é que se pode perceber a maior visibilidade dos angola. Junto a eles, uns raros benguelas. De acordo com Curto (1996), esses homens e mulheres eram traficados em troca de aguardente que podia ser produzida no Recôncavo Baiano ou no Rio de Janeiro, sendo as duas concorrentes (CURTO e GERVAIS, 2001, pp. 1-59).

Voltando para a questão das nações do tráfico, vemos o termo “Gentio da Costa” como um genérico que abarca as duas metades do século XVIII, mas acreditamos voltado primordialmente para os africanos ocidentais, ainda que estranhamente ele não apareça nas irmandades de africanos nem nas identidades festivas tecidas por escravos. cremos que, de tão genérico, ele se dilui nas nações mais assertivas.

Outro dado importante é o equilíbrio entre homens e mulheres na massa africana. Na primeira metade do século XVIII, o predomínio feminino era onipresente, na proporção de 55 mulheres para 45 homens nos batismos. Na Conceição da Praia da Bahia do final do século XVIII, este quadro se inverte: vemos quase 60% de homens para apenas cerca de 40% de mulheres. Como podemos explicar esta metamorfose em uma freguesia tão importante da cidade da Bahia? Nossa hipótese repousa na mesma assertiva usada para entender o quadro do início do século: o padrão do trabalho urbano escravo. No final do século XVIII, Salvador perde importância política, e a elite do estado colonial se transfere para o Rio de Janeiro levando parte de seus agregados e círculo de favorecidos. Mesmo mantendo peso similar no comércio externo, o mercado interno urbano se retrai, o que reduz o espaço para as *ganhadeiras* ou *negras de tabuleiro*. Assim, digamos, as africanas de rua perdem espaço, enquanto os homens envolvidos com carregamento de mercadorias e manejo de embarcações ainda são muito importantes. Mas este quadro não se repete em toda a cidade, o que torna nossa hipótese ainda merecedora de mais estudos.

O tráfico de escravos entre a Bahia e o Rio de Janeiro era intenso na primeira metade do século XVIII, o que trazia decorrências bastante relevantes. Entre 1700 e 1751, de um total de 2.096 africanos batizados na Conceição da Praia, cerca de 96% eram minas; a mesma proporção podia ser encontrada entre os 304 africanos que chegaram à Candelária no mesmo período, o que reforça a hipótese de que, nesse período, a Bahia era o mais importante fornecedor de cativos da África Ocidental para o Rio de Janeiro. Assim, na primeira metade do século XVIII, África Ocidental, Bahia, Rio de Janeiro e a região das Minas formam, na realidade, um único complexo negreiro atlântico, com uma cultura escrava comum em formação, fortemente afro-ocidental.

## Notas

<sup>1</sup> Para uma visão clássica das duas cidades, ver BOXER, Charles R. *A idade do ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, principalmente os capítulos IV “Os franceses no Rio de Janeiro”, pp. 111-132, e “Bahia de Todos os Santos”, pp. 153-188.

<sup>2</sup> Para uma visão global do trato negreiro, ver ELTIS, David. *The rise of African Slavery in the Americas*. Nova York: Cambridge University Press, 2000.

<sup>3</sup> Para uma história de delimitação e dinâmica da freguesia da Candelária, ver SANTOS, Noronha. *As freguesias do Rio antigo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

<sup>4</sup> Para um mapa dos limites das freguesias no final do século XVIII, ver CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista*, p. 262.

<sup>5</sup> VIDE, Sebastião Monteiro de. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007, p. 23.

<sup>6</sup> Sobre este problema, ver OLIVEIRA, Maria Inês Cortes. “Quem eram os negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia”, *Afro-Ásia*, Salvador, 1997, pp. 37-73.

<sup>7</sup> Para uma visão da escravidão africana nas Minas, ver REZENDE, Rodrigo. *As nossas Áfricas: população escrava e identidades africanas nas Minas setecentistas*. UFMG, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.

<sup>8</sup> Sobre esse grupo, ver VANSINA, Jan. “Ambaca Society and Slave Trade 1760-1845”. *The Journal of the African History*, 2005, v. 46, Issue 1.

<sup>9</sup> Sobre o Reino Lunda, ver M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Tomo I (até o século XVIII). Salvador: Casa das Áfricas/Edufba, p. 550.

<sup>10</sup> Para uma análise das marcas étnicas, ver GOMEZ, Michael. *Exchanging our Country Marks: the Transformations of African in the Colonial and Antebellum South*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1998.

<sup>11</sup> Ver ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 63.

<sup>12</sup> Para uma visão do lugar de Moçambique no tráfico atlântico, ver ALPERS, Edward A. “Moçambiques in Brazil: Another Dimension of the African Diaspora in the Atlantic World, e CAPELA, José. “Mozambique-Brazil: Cultural and Political Influences Caused by the Slave Trade”. Ambos em RENÉE, Souldre-La France e CURTO, José (orgs.). *Africa and Americas: Interconnections during the Slave Trade*. Nova Jersey: Africa World Press, 2003.

<sup>13</sup> Para uma análise da população moçambique residente na cidade do Rio na segunda metade do século XIX, ver SOARES, Carlos Eugênio Líbano, “Os últimos malungos: moradia, ocupação e criminalidade entre libertos africanos”. In: SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos e FARIAS, Juliana Barreto. *No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, pp. 149-208.

<sup>14</sup> Para uma visão dos inventários dos engenhos de açúcar do século XVIII, ver ABREU, Maurício de Almeida. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro*, v. 2.

<sup>15</sup> Para uma visão da instituição até 1750, ver RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: A Santa Casa da Misericórdia da Bahia 1550-1755*. Brasília, Ed. da UNB, 1981, p. 176.

<sup>16</sup> Infelizmente, desapareceram os livros de enterros de escravos na Misericórdia baiana entre 1693, ano da fundação do *Banguê*, e 1741.

<sup>17</sup> Para uma discussão sobre mortalidade de escravos, ver BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo*, op. cit., pp. 595-597.

<sup>18</sup> Trato disso em SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004, pp. 355-391.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro 1502-1700*, Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal/Andrea Jacobson, 2011, v. 2.
- ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BOXER, Charles R. *A idade do ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CURTO, José Carlos. *Alcohol and Slaves: The Luso-Brazilian Commerce at Mpinda, Luanda and Benguela during the Atlantic Slave Trade c. 1480-1830 and its impact on the societies of West Central Africa*. Los Angeles, University of California, 1996.
- CURTO, José C. e GERVAIS, Raymond R. "The Population of Luanda during the Late Atlantic Slave Trade, 1781-1844". *African Economic History*, 29 (2001), pp. 1-59.
- ELTIS, David. *The rise of African Slavery in the Americas*. Nova York: Cambridge University Press, 2000.
- FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial. Antologia de textos 1531-1800*. Rio de Janeiro: José Olympio/Eduerj, 1999.
- GOMEZ, Michael. *Exchanging our Country Marks: the Transformations of African in the Colonial and Antebellum South*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1998.
- HEINTZE, Beatriz. "Historical Notes on the Kisama de Angola". *The Journal of the African History*, v. 13, n.3, (1972): pp. 407-418.
- KARASCH, Mary C. *Slave Life in Rio de Janeiro 1808-1850*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Tomo I (até o século XVIII). Salvador: Casa das Áfricas/Edufba, 2007.
- MILLER, Joseph C.. "Central Africa During the Era of the Slave Trade, c. 1490s-1850s". In: Linda M. Heywood (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MILLER, Joseph C.. *Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*. Madison, University of Wisconsin Press, 1988.
- OLIVEIRA, Maria Inês Cortes. "Quem eram os negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia", *Afro-Ásia*, Salvador, 1997, pp. 37-73.
- REDINHA, José. *Distribuição étnica da província de Angola*. Luanda: 1969.
- RENÉE, Souldre-La France e CURTO, José (orgs.). *Africa and Americas: Interconnections during the Slave Trade*. Nova Jersey: Africa World Press, 2003.
- REZENDE, Rodrigo. *As nossas Áfricas: população escrava e identidades africanas nas Minas setecentistas*. UFMG, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.
- RUSSELL-WOOD, J. R., *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: A Santa Casa da Misericórdia da Bahia 1550-1755*. Brasília: Ed. da UNB, 1981.
- SANTOS, Noronha. *As freguesias do Rio antigo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos e FARIAS, Juliana Barreto. *No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- SOARES, Mariza Carvalho. *Identidade étnica, religiosidade e escravidão: os "pretos minas" no Rio de Janeiro, século XVIII*. PPGH-UFF, 1997.

THORNTON, John K. "As guerras civis no Congo e o tráfico de escravos: a história e a demografia de 1718 a 1844 revisitadas". *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 32 (1997): pp. 55-74.

VANSINA, Jan. "Ambaca Society and Slave Trade 1760-1845". *The Journal of the African History*, 2005, v. 46, Issue 1.

VIDE, Sebastião Monteiro de. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007.

Recebido em 07/04/2015

Aprovado em 15/04/2015